

FHC abre ofensiva para conter debate sucessório

Ed Ferreira/AE-3/8/99

Presidente avalia que antecipação da disputa pode prejudicar aliança e ameaça governabilidade

GERSON CAMAROTTI

BRASÍLIA – Surpreendido com a antecipação do debate sobre a eleição presidencial de 2002 nas duas últimas semanas, o presidente Fernando Henrique Cardoso tomou uma decisão: fará de tudo para tentar tirar a discussão do noticiário político. Ele confidenciou a um interlocutor que a disputa antecipada por sua sucessão pode prejudicar a frágil harmonia na base de sustentação de seu governo. “É preciso colocar panos quentes na disputa.”

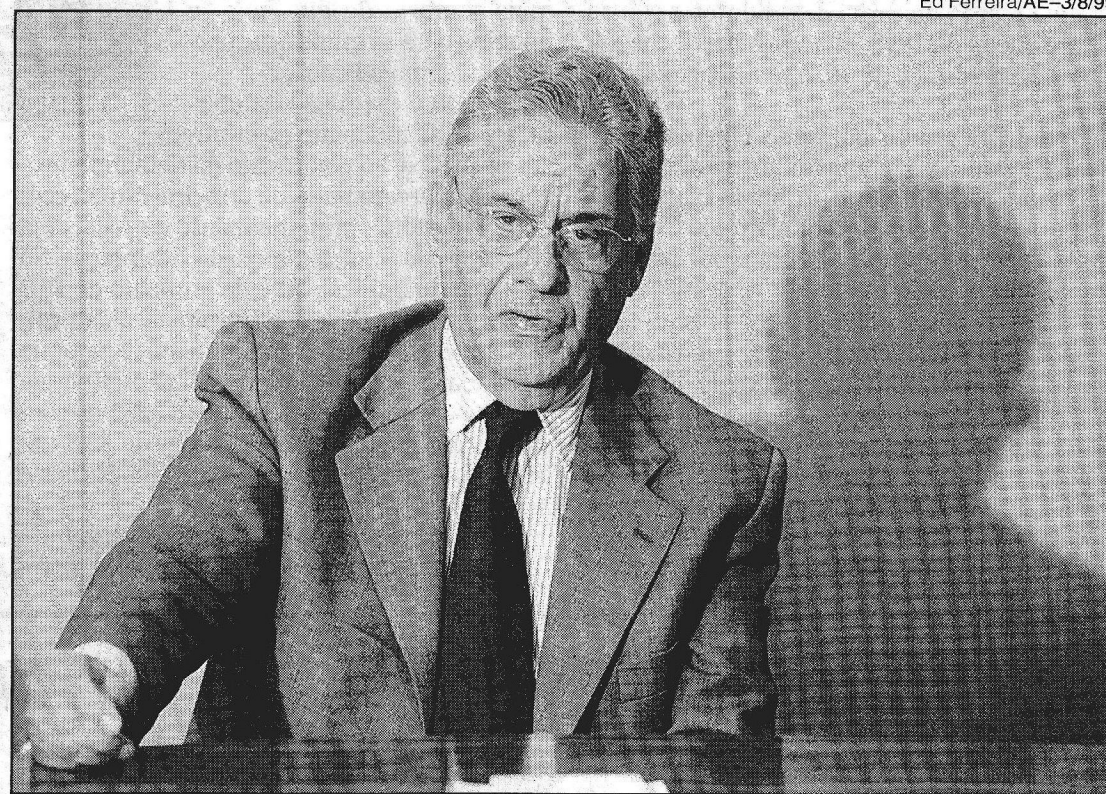
O principal gesto do presidente nesse sentido ocorreu no fim da semana, quando ele interferiu pessoalmente no PSDB para evitar o assédio aos deputados de PFL, PMDB, PPB e PTB, com o objetivo de tornar-se a maior bancada da Câmara. Fernando Henrique disse que não imaginava que a questão de sua sucessão surgiria de forma tão precoce, acirrando a disputa entre seus aliados.

O presidente sabe que será muito difícil manter a atual aliança na eleição de 2002. Por isso, acha que o cuidado terá de ser redobrado para manter a governabilidade até o fim do mandato. Entre os aliados, e até no Palácio do Planalto, já cresce a convicção de que a base estará dividida na sua sucessão.

“Esse afastamento vai acontecer de forma natural”, avalia o governador de São Paulo, Mário Covas (PSDB). “A menos que os outros partidos abram mão de suas candidaturas; afinal, não é possível aceitar que Fernando Henrique não tenha candidato de seu partido.”

No Planalto, a ordem é tentar reduzir a dimensão do conflito que começa a surgir entre os três principais partidos da base. “É bom lembrar que essa aliança pode voltar num segundo turno”, pondera o secretário-geral da Presidência, Aloysio Nunes Ferreira. “Até porque não somos tão incompatíveis assim, já que estamos juntos.”

Para o cientista político Gaudêncio Torquato, professor titular da Universidade de São Paulo (USP), a disputa de 2002 foi acirrada e antecipou-se entre os principais partidos aliados por causa das recentes demonstrações de “ambição avassaladora” do PSDB. “O bico grande dos tucanos entrando na casca dos outros partidos está provocando feridas dolorosas que possivelmente não serão cicatrizadas até as eleições presidenciais”, comparou. Para Torquato, mesmo que a economia te-



Fernando Henrique: avaliação de que Covas, Tasso e Serra teriam poucas chances de vencer eleição

nha uma boa recuperação, dificilmente o PFL e o PMDB voltarão a fazer uma aliança preferencial com os tucanos.

Reação – Ao retirar do baú o antigo projeto do ministro Sérgio Motta, morto em 1998, que imaginava 20 anos de poder para o partido, os tucanos acabaram provocando forte reação nos aliados. “A fome do PSDB está muito grande”, avalia o vice-presidente do PFL, senador José Jorge (PE), que acredita que a nova tendência é de aproximação maior de seu partido com o PMDB. “Essa ambição tucana vai trazer muitos problemas”, adverte o senador e ex-ministro da Justiça Renan Calheiros (AL), um dos principais líderes peemedebistas.

Mas o processo de afirmação do PSDB não deve parar. Durante a semana passada o partido deu uma demonstração de força ao lançar os *Cadernos 45*, publicação destinada a divulgar as ações do PSDB no governo. Na ocasião, até o discreto ministro da Educação, Paulo Renato Souza, foi incisivo ao garantir que Fernando Henrique fará seu sucessor. A ideia do partido é eleger este ano um terço dos prefeitos dos 5.507 municípios do País.

“O PSDB precisa firmar-se, já que sempre pagou o ônus de ser o partido do governo”, observa o secretário de Ciência e Tecnologia de São Paulo, José Aníbal. Aloysio prefere expressões diplomáticas para interpretar a disputa. “É natural que tudo isto esteja acontecendo, por-

que esse é um ano de afirmação partidária, por causa das eleições municipais.” Para ele, essa disputa política é um reflexo de que a economia está bem e com isso novos temas passam a dominar o debate nacional.

O acirramento da disputa eleitoral entre os aliados acabou criando um processo de autoflagelação do próprio governo, em que os principais alvos são o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e a política econômica. Nem mesmo o PSDB evita ataques ao ministro, a começar por Covas, que há duas semanas afirma que Malan não será o candidato do partido para a sucessão de 2002. Além de Co-

vas, o ministro da Saúde, José Serra, movimentou-se com a CPI dos Medicamentos para cobrar do Ministério da Fazenda mais empenho no combate ao aumento de preços de remédios.

O PFL não ficou atrás. Contra a política de austeridade do governo, lançou a proposta de um salário mínimo de US\$ 100. Amenizou o discurso no dia seguinte, mas, em compensação, conseguiu emplacar no governo o Fundo de Combate e Erradicação à Pobreza, que chegou a ser criticado pelo FMI.

Malan também foi bombardeado no debate sobre a desnacionalização da economia. Depois de tanto tiroteio, acabou levantando a bandeira branca. Por um interlocutor, mandou um recado a Covas: “Diga a ele que eu não vou ser candidato.”

Apesar da tentativa de evitar o debate sobre a eleição, Fernan-

do Henrique tem dito a assessores que vai influir de forma decisiva no processo de escolha de seu sucessor. No governo, a ordem é evitar especulações sobre um candidato tucano com tanta antecedência. “É bom lembrar que os dois últimos presidentes surgiram no ano da eleição”, observa um assessor.

Nomes – Mas o próprio Fernando Henrique começa a descartar alguns nomes de tucanos. Recentemente, ele fez uma análise dos três preferidos do partido para 2002 e concluiu que nenhum teria chances de ganhar a disputa. Sua opinião é de que o mais cotado da lista, Covas, está desanimado para entrar num desgastante debate eleitoral. No governador do Ceará, Tasso Jereissati, o presidente não vê vontade política para enfrentar uma difícil disputa com o seu amigo Ciro Gomes (PPS).

Em relação às chances de Serra, o presidente foi lacônico: “Não adianta Serra insistir no momento, que só ficará infeliz.” Uma coisa é certa. Fernando Henrique já tem um nome em mente para sucedê-lo, mas tem mantido esse segredo guardado a sete chaves. Para o ex-ministro Ciro Gomes, o nome dos sonhos de Fernando Henrique é o de Paulo Renato.

Nesse caso, segundo Ciro, para que ele tenha o comando na escolha de seu sucessor, a economia teria de estar passando por um de seus melhores momentos de crescimento. Do contrário, seria muito difícil emplacar um candidato que nunca disputou um voto. Mas por enquanto, o presidente quer mesmo é que esse debate saia de pauta.

■ Colaborou *Silvia Faria*

**ALIADOS
CRITICAM
'AMBIÇÃO'
DE TUCANOS**